



A Santa Sé

SANTA MISSA POR OCASIÃO
DA FESTA DA IMACULADA CONCEIÇÃO

HOMILIA DE JOÃO PAULO II

8 de Dezembro de 1980

1. *Salus populi romani*

Com está saudação venho hoje, venerados e caros irmãos e irmãs, a esta Basílica Mariana de Roma. Venho aqui depois do acto solene de homenagem, prestada à Imaculada na Praça de Espanha, onde os romanos de há anos e de há gerações manifestam o seu amor e a sua veneração Àquela que o Anjo, no momento da Anunciação, saudou como «cheia de graça» (Lc. 1, 28). No texto grego do Evangelho de São Lucas, esta saudação soa: *kecharitoméne*, isto é, particularmente amada por Deus, toda penetrada pelo Seu amor, consolidada completamente nele: como se fosse toda por Ele formada, pelo Amor santíssimo de Deus.

E precisamente por isso: *salus populi! / salus populi romani!*

Este título consagra justamente a devoção mariana de Roma. Pode fazer-se remontar às origens mesmas desta Basílica, porque já o meu predecessor Sisto III no século V, na inscrição dedicatória, assim chama à Senhora: *Virgo Maria... nostra salus*. A invocação enriqueceu-se na alta Idade Média, favorecida pela procissão solene de 15 de Agosto, que unia a devoção à imagem do Salvador, conservada na Basílica Lateranense, com a de Nossa Senhora de Santa Maria Maior. Então o povo romano assim celebrava a Virgem durante a procissão:

«Virgem Maria, olha propícia para os teus filhos; ... / Augusta Maria, sê benigna às lágrimas de quem te suplica. / Mãe santa de Deus, olha para o povo romano...».

Apraz-me também recordar que a devoção a Nossa Senhora nesta Basílica teve, nos séculos

medievais, carácter universal, porque unia aos Romanos os Religiosos gregos que viviam em Roma e a celebravam na própria língua. Além disso, esta Basílica foi escolhida por São Cirilo e São Metódio, vindos a Roma no século IX e acolhidos festivamente pelo Papa Adriano II e por todo o povo romano, para a celebração em língua eslava da liturgia, que eles tinham inaugurado para a evangelização dos povos eslavos. Os seus livros litúrgicos em língua eslava, aprovados pelo Papa, foram depositados no altar desta Basílica.

2. Quando dizemos *salus populi, salus populi romani*, estamos plenamente conscientes de que Maria, mais que todos, experimentou a salvação, a experimentou de modo particular e excepcional. Sendo Ela Mãe da nossa salvação, Mãe dos homens e do povo, Mãe de Roma, é isto em Cristo, por Cristo, *por obra de Cristo*:

Salus populi romani in suo Salvatore!

Assim também ensina o Concílio Vaticano II na Constituição «Lumen Gentium»: «E um só o nosso Mediador, segundo as palavras do Apóstolo: 'Porque há um só Deus, também há um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, verdadeiro homem, que se ofereceu em resgate por todos' (1 *Tim.* 2, 5-6). A função maternal de Maria para com os homens de nenhum modo obscureceu ou diminuiu esta mediação única de Cristo, antes mostra qual é a sua eficácia. Na verdade, todo o influxo salutar da Santíssima Virgem em favor dos homens não é imposto por nenhuma necessidade intrínseca mas sim por livre escolha. de Deus, e dimana da superabundância dos méritos de Cristo, funda-se na sua mediação, dela depende absolutamente e dela tira toda a sua eficácia; e, longe de impedir, fomenta ainda mais o contacto imediato dos fiéis com Cristo» (*Lumen Gentium*, 60).

3. *Demonstra-o de modo particular a solenidade hodierna da Imaculada Conceição.*

Este é o dia em que confessamos que Maria — escolhida, de modo particular e eternamente, por Deus no Seu amoroso desígnio de salvação — *de modo excepcional foi remida* por obra d'Aquele, a quem Ela, como Virgem Mãe devia transmitir a vida humana.

Dela falam também as hodiernas leituras da liturgia: São Paulo na carta aos Efésios escreve: «Bendito seja Deus e Pai de nosso senhor Jesus Cristo, que, lá dos céus, nos encheu com toda a espécie de bênçãos espirituais em Cristo. Foi assim que, n'Ele, nos escolheu, antes da criação do mundo, a fim de sermos, na caridade, santos e irrepreensíveis diante d'Ele» (*Ef.* 1, 3-4).

Estas palavras de modo particular e excepcional *referem-se a Maria*. Ela, de facto, mais que todos os homens — e mais do que os Anjos — «foi escolhida em Cristo antes da criação do mundo», porque de modo único e irrepitível foi escolhida *para Cristo*, foi a Ele destinada para ser Mãe.

Depois o Apóstolo, desenvolvendo a mesma ideia da sua carta aos Efésios, escreve:

«...Destinou-nos (Deus) de antemão para sermos Seus filhos adotivos mediante Jesus Cristo por benevolência de Sua vontade, para louvor da glória da Sua graça, com a qual nos favoreceu em Seu Filho predilecto» (*Ef. 1, 5*).

E também estas palavras — embora se refiram a todos os cristãos — referem-se a Maria de modo excepcional. Ela — precisamente Ela como Mãe — adquiriu no grau mais alto «a adoção divina»: escolhida para ser filha adoptiva no eterno Filho de Deus, precisamente porque Ele devia tornar-se, na economia divina da salvação, o seu verdadeiro Filho do homem: Ela — como muitas vezes cantamos — *Amada Filha de Deus Pai!*

4. E por fim escreve o Apóstolo: «Foi também n'Ele (isto é em Cristo) que nos tornámos herdeiros. E, conforme o desígnio de quem tudo realiza pela decisão da Sua vontade, nós fomos previamente destinados a ser, para louvor da Sua glória, aqueles que de antemão esperaram em Cristo» (*Ef. 1, 11-12*).

Ninguém — de modo mais pleno, mais absoluto e mais radical — «esperou» em Cristo, do que a Sua própria Mãe Maria.

E também ninguém mais que Ela «*foi constituído herdeiro n 'Ele*», em Cristo. Ninguém na história do mundo foi mais cristocêntrico e mais cristofórico do que Ela. E ninguém mais semelhante a Ele, não só com semelhança natural da Mãe com o Filho, mas com a semelhança do espírito e da santidade.

E como ninguém mais que Ela existia «*em conformidade com o plano da vontade de Deus*», ninguém mais que Ela neste mundo existia «*para louvar da Sua glória*» — porque ninguém existia em Cristo e mais que Ela vinha de Cristo, graças à qual Cristo nasceu na terra.

Eis o louvor da Imaculada, que a liturgia hodierna proclama com as palavras da Carta aos Efésios. E toda esta riqueza da teologia de Paulo pode encontrar-se encerrada também nestas duas palavras de Lucas: «Cheia de graça» (*kecharitoméne*).

5. A Imaculada Conceição é um particular mistério da fé — e é também uma particular solenidade. E a festa do Advento por excelência. Esta festa e também este mistério — faz-nos pensar no «início» do homem na terra, na inocência primitiva e depois na graça perdida e no pecado original.

Por isso hoje lemos primeiramente o trecho do Livro do Génesis, . que dá a imagem deste «início».

E quando, precisamente neste texto, lemos da mulher, que a sua estirpe «esmagará a cabeça da

serpente» (cf. *Gén.* 3, 15), vemos *nesta mulher*, com a tradição, Maria, apresentada precisamente como imaculada por obra do Filho de Deus, a quem devia Ela dar a natureza humana.

E nós não nos admiramos de que, no início da história do homem, entendida como história da salvação, seja inscrita também Maria, se — como lemos em São Paulo — antes da criação do mundo todo o cristão foi escolhido em Cristo e para Cristo: tanto mais vale isto para Ela!

6. A Imaculada é portanto obra particular, excepcional e única de Deus: «cheia de graça...».

Quando, no tempo estabelecido pela Santíssima Trindade, veio ter com Ela o Anjo e lhe disse «Não tenhas receio... hás-de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. Será grande e chamar-se-á Filho do Altíssimo» (*Lc.* 1, 30-32) — só Ela, que era «cheia de graça», podia responder assim como então respondeu Maria: «Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (*Lc.* 1, 38).

E Maria respondeu exactamente assim.

Hoje, nesta festa do Advento, louvamos por isso o Senhor.

E damos graças a Ele por isto.

Damos graças porque Maria é «cheia de graça»!

Damos graças pela sua Imaculada Conceição.

© Copyright 1980 - Libreria Editrice Vaticana